

Se decausativo em PB e em PE: entre a manutenção e a perda

SÍLVIA RIBEIRO

ESTGA / CLLC, Universidade de Aveiro

Introdução

Neste trabalho, analisam-se estruturas como as de 1-7, com ocorrência frequente em Português, visando-se identificar tendências no que respeita à manutenção ou à perda do clítico *se*. Procura-se, mais concretamente, averiguar se a propensão para a manutenção/perda de *se* é diferente no Português do Brasil (PB) e no Português Europeu (PE), verificando-se, ainda, se o uso do clítico sofreu alterações entre dois períodos temporais distintos (1994-1995 e 2014-2015).

1. [...] *o território imperial otomano **fragmentou-se** após a derrota militar e o colapso político* (Público, 29.07.2015)
2. *No entanto, em vários locais, o piso abateu e **rachou**, tornando-se perigoso.* (Público, 31.05.2014)
3. [...] *a água toda já **evaporou!*** (FSP, 21.02.2014)
4. [...] *o caminhão **tombou** e o ciclista morreu na bora.* (FSP, 25.09.2015)
5. [...] ***entusiasmou-se** com a Primavera árabe.* (Público, 29.10.2015)
6. *Mas o sociólogo Boaventura Sousa Santos não **se assustou** com a formalidade do acto [...]* (PUBLICO-19950722-118)
7. *Mas o gosto atravessou oceanos e **europizou-se.*** (PUBLICO-19950310-149)

Trata-se de estruturas que, estudadas noutras línguas específicas ou numa perspetiva comparatista, têm sido amplamente trabalhadas nas últimas décadas, no âmbito de diferentes correntes teórico-metodológicas, por autores como Levin & Rappaport-Hovav, 1995;

Mendikoetxea, 1999, Sanchez Lopez, 2002, Reinhart & Siloni, 2005, Schäfer, 2009, Duarte, 2013, sendo conhecidas como estruturas decausativas, anticausativas, incoativas ou ergativas.

Globalmente, no que ao português diz respeito, estas construções caracterizam-se por (i) denotarem situações de mudança de estado, (ii) serem estruturas sintaticamente intransitivas, correlacionáveis com estruturas transitivas correspondentes, (iii) incluírem verbos de alternância causativa e (iv) por registarem alguma flutuação no que concerne à presença/ausência do clítico *se* (Ribeiro, 2011; Duarte, 2013, Ribeiro, 2018).

Na realidade, foi precisamente esta última característica que nos impeliu para a realização deste estudo¹. Com efeito, como refere Duarte (2013, p. 452) “existe [...] variação entre os falantes quanto à obrigatoriedade/opcionalidade do pronome com alguns destes verbos”, percebendo-se que, efetivamente, estamos perante uma construção de uso não estabilizado nem consensual. Adicionalmente, encontram-se vários estudos referentes à variedade brasileira (e.o., Souza, 1999; Ribeiro, 2010) que sublinham precisamente a tendência para a preferência de estruturas sem clítico no PB. Importa, por isso, (i) averiguar quais os contextos que favorecem a manutenção ou a perda de *se*, (ii) perceber se esta é ou não uma tendência associada a uma variedade específica da língua portuguesa e, ainda, (iii) aferir se este fenómeno se tem ou não acentuado com o passar dos anos. Assim, e de modo a respondermos a estes desafios, será necessário compreendermos as características destas construções, pelo que começaremos por apresentar as suas propriedades sintático-semânticas mais relevantes, dando especial enfoque às alterações argumentais que lhes estão subjacentes. De seguida, e partindo de uma proposta de classificação semântica destas construções apresentada em Ribeiro (2011), analisaremos as ocorrências recolhidas, identificando tendências no que respeita à manutenção ou perda do clítico *se*. Teremos em conta, para tal, um *corpus* constituído por 1174 ocorrências, recolhidas através do *corpus* CETEM CHAVE² (1994-1995) e das páginas *web* dos jornais *Folha de São Paulo* e *Público* (2014-2015).

1. Estruturas decausativas: breve caracterização sintático-semântica

As estruturas em cuja análise de baseia este trabalho são construídas em torno de verbos de alternância causativa-incoativa (Duarte, 2013), isto é, verbos que, embora tenham uma mesma estrutura temática de base, admitem dois padrões de realização sintática³ – uma variante transitiva

¹ Este trabalho dá continuidade a um estudo publicado em 2018 (cf. Ribeiro, 2018), ampliando-se o espectro temporal sob escopo e confrontando dados provenientes de duas épocas distintas, de modo a responder a uma das pistas de trabalho futuro nele apresentadas.

² Disponível no Portal da Linguateca <<http://www.linguateca.pt/>>).

³ Esta não é uma perspetiva consensual; em Schäfer (2009) encontra-se uma interessante resenha das principais posições a este respeito.

causativa (8) e uma variante intransitiva decausativa ou incoativa (9) (Levin & Rappaport-Hovav, 1995; Duarte, 2013).

8. *O calor derreteu o gelado.*
9. *O gelado derreteu-se com o calor.*

De acordo com vários autores, como Duarte (2013) ou Ribeiro (2018), quando ocorrem em estruturas transitivas causativas, os verbos de mudança de estado exibem um sujeito que, por norma, codifica uma entidade (em 8, *o calor*) capaz de espoletar a mudança de estado descrita pela predicação, assumindo-se tematicamente como uma Causa. O sintagma nominal com função de objeto direto (em 8, *o gelado*) codifica uma entidade que, obrigatoriamente, tem as propriedades necessárias para poder sofrer a mudança de estado identificada pelo verbo, assumindo-se, em termos semânticos, como Tema ou Experienciador (consoante as propriedades do verbo em uso). Como explicita Duarte (2013, p. 451), “o significado da variante causativa destes verbos pode parafrasear-se informalmente do seguinte modo: ‘a ação de x sobre y causa que y mude de estado’, em que x representa o argumento externo, responsável pela mudança de estado, e y o argumento interno, que sofre tal mudança”. A Tabela 1 permite visualizar a organização temático-argumental própria do uso transitivo-causativo destes verbos.

Tabela 1. Estrutura temático-argumental do uso transitivo-causativo dos verbos de alternância causativa

Estrutura Temática	Causa	Tema/Experienciador
Estrutura Argumental	<u>X</u> ⁴	Y
Estrutura Sintática	Sujeito (<i>o calor</i>)	Objeto Direto (<i>o gelado</i>)

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2011, p.239).

Quando usados na sua variante decausativa/incoativa, os verbos de alternância causativa apresentam um sujeito sintático que corresponde ao objeto afetado (em 8, *o gelado*), sendo perfeitamente admissível que o causador não tenha presença na linearidade frásica. Trata-se, portanto, de construções de diátese secundária ou derivada (cf. Levin & Rappaport Hovav, 1995), que codificam uma mudança de estado de uma determinada entidade, podendo não haver menção ao evento causador que a espoleta (Pereira, 2007). São construções utilizadas quando o falante não quer ou não consegue identificar a causa que espoleta a mudança de estado e/ou quando decide não lhe atribuir proeminência informativa. Na Tabela 2, representa-se a reorganização argumental subjacente às estruturas decausativas.

⁴ Assinala-se a sublinhado o argumento externo.

Tabela 2. Estrutura temático-argumental do uso intransitivo-decausativo dos verbos de alternância causativa

Estrutura Temática	Causa	Tema/Experienciador
Estrutura Argumental	-----	Y
Estrutura Sintática	Sujeito (o <i>gelado</i>)	-----

Fonte: Adaptado de Ribeiro (2011, p.239).

Como este esquema permite visualizar, subjacente aos usos decausativos destes verbos está uma importante alteração na correspondência entre estrutura temática e estrutura argumental-sintática. Com efeito, segundo Levin e Rappaport Hovav (1995), nestas construções, o argumento temático Causa, a que se associa uma interpretação existencial que não interessa especificar, imobiliza-se na estrutura temática. Deste modo, a estrutura argumental subjacente a estas estruturas afigura-se como uma estrutura unária, contemplando apenas o argumento interno. Uma vez que não se associa qualquer papel temático ao argumento externo, é viável a ativação da Generalização de Burzio. Assim sendo, os predicadores em causa deixam de ter capacidade para atribuir caso acusativo, razão pela qual o argumento interno deixa de poder ocorrer na sua posição sintática habitual (OD), acabando por ocupar a posição de sujeito. Este processo de reorganização argumental, identificado por Reinhart e Siloni (2005) como decausativização, permite a reanálise de um predicado sintaticamente transitivo num predicado sintaticamente intransitivo.

1.1. O estatuto do clítico *se* nas estruturas intransitivas-decausativas: algumas propostas

Como já defendido em Ribeiro (2011) e em Ribeiro (2018), nesta proposta de análise, as estruturas intransitivas decausativas são perspetivadas como tendo uma estrutura argumental unária, que integra apenas o argumento interno (com o papel temático de Tema/Experienciador), o que justifica que apenas este argumento possa aflorar na linearidade sintática com estatuto argumental. Na realidade, nestas estruturas, a entidade que espoleta a mudança de estado ou não está presente na materialidade frásica (10) ou materializa-se como adjunto, ocorrendo sob a forma de um sintagma preposicional (11) ou de uma oração subordinada (12-13).

10. *O barco afundou-se.*

11. *O barco afundou-se com a tempestade.*

12. *Como o vento era forte, o barco afundou-se.*

13. *O barco afundou-se quando a tempestade atingiu o auge.*

O exemplo de (11) torna claro que nas estruturas em análise é viável codificar linguisticamente, sob a forma de um adjunto (*com a tempestade*), a entidade desencadeadora da ação, característica que as afasta das passivas de *se*, exemplificadas em (14). Nestas, no atual corte sincrónico do Português, não é admitida a presença de um *sintagma-por* que codifique a entidade que estaria na origem da ação descrita.

14. *Para salvar os operários encurralados, partiram-se as vidraças *pelos bombeiros.*

De acordo com autores como Baker, Johnson e Roberts (1989), esta impossibilidade de presença do *sintagma-por* resulta do facto de na estrutura sintática das estruturas passivas de *se* haver já um elemento frásico – o próprio clítico *se*⁵ – que corresponderá à materialização do argumento externo.

Assim, dado que nas estruturas decausativas, como se verifica em (11), é perfeitamente possível a coexistência do clítico *se* e de um adjunto que codifique a entidade causadora da mudança de estado, acreditamos que, neste contexto e contrariamente ao que ocorrerá nas passivas de *se*, o clítico não tem estatuto argumental.

Por outro lado, o confronto com as passivas de *se*, nas quais a perda do clítico implica a anulação da leitura passiva, permite também depreender que, nas estruturas decausativas, o clítico não é responsável pela reorganização argumental, na medida em que a sua ausência não acarreta uma interpretação/leitura diferente. Vejam-se os contrastes dos exemplos (15-16) e (17/18):

15. **As armas destruíram para evitar novos confrontos.* (vs. *As armas destruíram-se para evitar novos confrontos.*)

16. **Estes casacos venderam em promoção.* (vs. *Estes casacos venderam-se em promoção.*)

17. *Os vidros quebraram durante a última tempestade* (vs. *Os vidros quebraram-se durante a última tempestade.*)

18. *Os barcos afundaram sem ninguém o esperar.* (vs. *Os barcos afundaram-se sem ninguém o esperar.*)

Na realidade, e contrariamente ao que sucede com as estruturas sem *se* de (15) e (16), as estruturas sem clítico apresentadas em (17) e (18) parecem ser sentidas por muitos falantes como perfeitamente gramaticais, razão pela qual não podemos afirmar que seja o clítico a fomentar a reorganização argumental própria destas construções, não podendo, por isso, perspetivar-se como operador diatésico decausativizador.

Parece-nos, portanto, defensável a ideia de que este clítico *se* decausativo, não tendo estatuto argumental nem sendo um operador diatésico, no sentido em que não é ele a espoletar a reorganização argumental própria destas construções, funciona como marcador diatésico,

5 Para estes autores, nas passivas do Inglês o argumento externo tem manifestação através da própria morfologia passiva. Assim, e seguindo esta linha de análise, nas passivas de clítico do Português, esta unidade funcionaria simultaneamente como operador diatésico, na medida em que desencadeia o reajuste argumental inerente a estas estruturas, e como manifestação, sintático-lexicalmente mitigada e referencialmente indeterminada, do argumento externo (cf. Ribeiro, 2011).

assinalando, quando o falante o entende necessário, a perda do argumento Causa. Importa perceber, com base nos dados de uso, quais serão os contextos que favorecem a manutenção do clítico e quais aqueles em que este marcador já não é sentido como necessário. Para tal, e antes de trabalharmos as ocorrências recolhidas no *corpus* que serve de base a este trabalho, apresentaremos, na secção 2, uma proposta de organização, semanticamente motivada, das estruturas decausativas de *se*.

2. Tipos semanticamente motivados de estruturas decausativas de *se*

Conforme referem vários autores, nomeadamente Duarte (2013), é possível identificar vários tipos de verbos de alternância causativa. Assim, e na linha do proposto por Ribeiro (2011), identificam-se, em função do tipo de mudança de estado que denotam, três tipos de estruturas decausativas de *se*: a) de mudança de estado físico, b) de mudança de estado psicológico e c) de mudança de estado social/cultural, conforme os exemplos (18-20).

18. *Eu estava de capacete, mas ele rachou.* (FSP, 06.06.2015)

19. *O Planalto assustou-se com a prisão de Delcídio* (FSP, 28.11.2015)

20. [...] *a universidade se manteve impermeável e, simplesmente, não se democratizou.* (FSP, 07.06.2014)

No conjunto das estruturas decausativas que denotam mudanças de estado físico propõe-se, também na sequência de Ribeiro (2011), a delimitação de três subgrupos: (i) aquelas que descrevem situações que afetam a integridade material de um objeto; (ii) as que codificam mudanças nas propriedades físicas dos materiais, (iii) as que verbalizam mudanças na posição/orientação do objeto.

As estruturas do primeiro subgrupo descrevem situações em que o objeto afetado pela situação codificada pelo predicador sofre uma mudança física significativa, deixando de estar inteiro. As estruturas decausativas que codificam mudanças nas propriedades físicas de uma entidade dão conta de situações em que uma substância (matéria ou material), denotada pelo SN sujeito, passa de um estado físico da matéria a outro. As estruturas que verbalizam situações de mudança de posição/orientação ou de modo de estar do objeto afetado descrevem alterações não intencionais na posição/orientação de um objeto ou substância.

As estruturas decausativas de *se* dão conta ainda de situações de mudança de estado psicológico ou emocional. Nestes casos, a entidade que vivencia a mudança de estado exhibe necessariamente o traço [+ animado], assumindo-se tematicamente como um Experienciador.

Por fim, incluímos no âmbito das estruturas decausativas de mudança de estado aquelas que denotam mudanças em construções sociais/culturais humanas, no sentido de constructos sociais ou culturais resultantes da atuação do homem.

Na Tabela 3, apresentam-se, com exemplos, os tipos e subtipos de estruturas de *se* decausativas tidas em conta neste trabalho.

Tabela 3. Tipos e subtipos semanticamente motivados de estruturas decausativas de *se*

Estruturas de mudança de estado físico	Estruturas que denotam situações que afetam a integridade física do objeto afetado	<i>O fêmur da minha perna esquerda estilhaçou completamente</i> (FSP, 11.12.2014)
	Estruturas que descrevem situações de mudança nas propriedades físicas do objeto afetado	<i>De acordo com peritos, a mochila que Teles usava derreteu com o forte calor</i> (FSP, 18.02.2015)
	Estruturas que codificam situações de mudança de posição/orientação do objeto afetado	<i>"Com o vento forte, ela tombou", disse o profissional.</i> (FSP, 08.09.2015)
Estruturas de mudança de estado psicológico		<i>Mas, aparentemente, o presidente da Comissão não se intimidou</i> (PUB, 21.10.2014)
Estruturas de mudança de estado social/cultural		<i>Deixou de ser uma língua das elites e dos assimilados, democratizou-se e passou ...</i> (PUB, 27.07.2014)

Partindo da definição destes subgrupos de estruturas decausativas de *se*, procuraremos, nas secções seguintes, verificar se as tendências de perda/manutenção do clítico são comuns a todos eles, e se, no período de 20 anos (entre 1994/1995 e 2014/2015) se terá assistido a alguma mudança a este nível.

3. Manutenção e perda do clítico *se* em estruturas decausativas de mudança de estado do PB e do PE: análise de dados dos jornais *Folha de São Paulo* e *Público* nos períodos 1994-1995 e 2014-2015

Considerando que se pretendia aferir a tendência de manutenção/perda do clítico *se* em duas variedades do português e em dois períodos distintos, optou-se por constituir um *corpus* que congregasse ocorrências recolhidas em textos brasileiros e em textos portugueses publicados em épocas diferentes. Assim, e por uma questão de maior facilidade de acesso aos dados, usou-se inicialmente o *corpus* CHAVE, que permitiu a consulta de textos jornalísticos de ambos os países (Jornais *Folha de São Paulo* e *Público*) publicados em 1994 e 1995. Para o necessário confronto com outro recorte temporal, recorreu-se às páginas *web* destes mesmos jornais para recolher as ocorrências em textos publicados 20 anos mais tarde, isto é, em 2014 e 2015.

De modo a restringir a pesquisa a um volume de dados facilmente analisável, optou-se por lançar a pesquisa a partir de um reduzido grupo de verbos, tipicamente associados a cada um dos subtipos de estruturas decausativas já identificados. Assim, foram pesquisados 19 verbos, sempre na 3.^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo: 11 que descrevem mudanças de estado físico (dos três subtipos antes referidos), três para mudança de estado psicológico e cinco para mudança de estado social/cultural, como se verifica na Tabela 4.

Tabela 4. Verbos selecionados para a constituição do *corpus*

Mudança de estado físico	mudança na integridade física do objeto afetado	<i>rachar, fragmentar, estilhaçar, despedaçar</i>
	mudança nas propriedades físicas do objeto	<i>evaporar, derreter, cristalizar, solidificar</i>
	mudança de posição/orientação do objeto afetado	<i>tombar, soltar, afundar</i>
Mudança de estado psicológico		<i>assustar, entusiasmar, intimidar</i>
Mudança de estado social/cultural		<i>democratizar, banalizar, vulgarizar, europeizar, americanizar</i>

No total, foram recolhidas 1174 ocorrências, que se constituem como o *corpus*-base deste trabalho. O trabalho estatístico dos dados obtidos foi realizado com recurso às ferramentas do *Microsoft Excel*.

3.1. Análise de dados e discussão dos resultados

Estas 1174 ocorrências recolhidas representam duas variantes (Português Brasileiro e Português Europeu) e dois períodos (1994-1995 e 2014-2015) distintos. Em termos temporais, 589 (50,2%) ocorrências têm origem em publicações de 1994-1995 e 585 (49,8%) são de textos publicados em 2014/2015.

Em termos de fonte, isto é, considerando o jornal de proveniência das ocorrências, obtiveram-se 36% de ocorrências no *Público* (representando o Português Europeu) e 64% de ocorrências na *Folha de São Paulo* (representando o Português Brasileiro).

Começando pela análise mais global dos dados, é de referir que, considerando os dois jornais e os dois períodos temporais, se percebe o predomínio de estruturas decausativas em que há manutenção de *se*, conforme se visualiza no Gráfico 1.

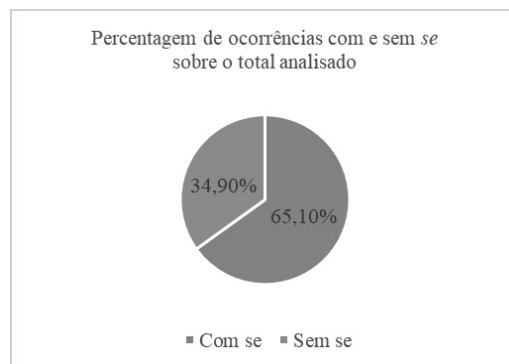


Gráfico 1. Percentagem de estruturas com *se* e sem *se* no total de ocorrências analisadas

Se analisarmos apenas a proporção de ocorrências com e sem *se* em cada um dos jornais, no total dos dois períodos em escopo, percebe-se que o cenário retratado pelos textos da *Folha de São Paulo* é bastante mais equilibrado do que aquele que se percebe da análise dos dados do *Público* (cf. Gráfico 2).

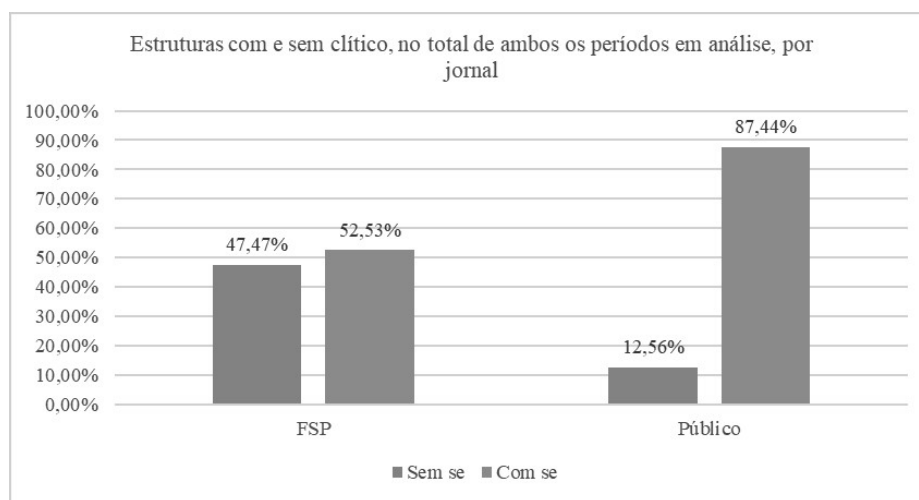


Gráfico 2. Percentagem de estruturas com *se* e sem *se* por jornal, no total de ambos os períodos em análise

Assim, na *Folha de São Paulo*, há cerca de 47,5% de ocorrências sem *se* e 52,5% com *se*. No *Público*, há um claríssimo predomínio de estruturas que mantêm o clítico (87%), havendo apenas 13% de ocorrências sem *se*. Percebemos que, de acordo com a nossa amostra, efetivamente a variedade de português brasileiro parece ser muito mais aberta à perda de *se* do que a variedade europeia.

No que concerne à comparação dos dois períodos, compreende-se que em 1994-1995, de acordo com os dados recolhidos, havia uma discrepância assinalável, no total dos dois jornais, entre estruturas com *se* (72%) e estruturas sem *se* (apenas 28%). Vinte anos mais tarde, em 2014-2015, os

dados parecem confirmar uma evolução no sentido da cada vez maior perda de *se*, uma vez que, para este período, a discrepância entre a percentagem de estruturas com *se* (59%) e sem *se* (41%) já é bastante menor, conforme se visualiza no Gráfico 3.

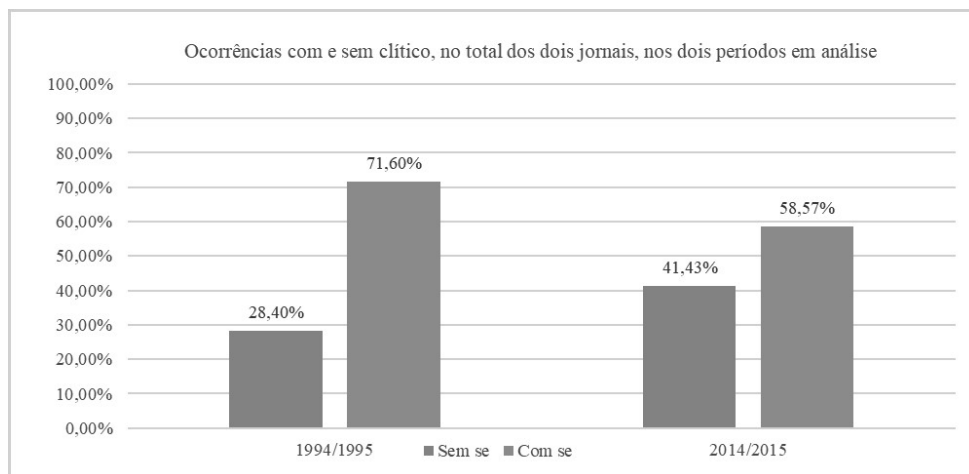


Gráfico 3. Percentagem de estruturas com *se* e sem *se*, no total dos dois jornais, em cada um dos períodos em apreço

A análise desta evolução por jornal permitiu constatar que a tendência para a perda de *se* se avolumou, de acordo com a amostra em apreço, em ambos os países. Nas ocorrências recolhidas em 1994-1995, na *Folha de São Paulo*, 45,2% não exibiam *se*, ao passo que, no mesmo jornal, em 2014-2015, as estruturas sem *se* correspondiam a 48,9% do total de ocorrências.

Os dados compilados a partir dos textos publicados no *Jornal Público* conduzem a uma constatação semelhante: do total de ocorrências recolhidas neste jornal em 1994-1995, apenas 11,2% eram de estruturas sem *se*. Vinte anos mais tarde, a percentagem de ocorrências sem *se* já é de 14,2%. No Gráfico 4 visualiza-se, de forma mais clara, esta evolução em cada um dos jornais em apreço.

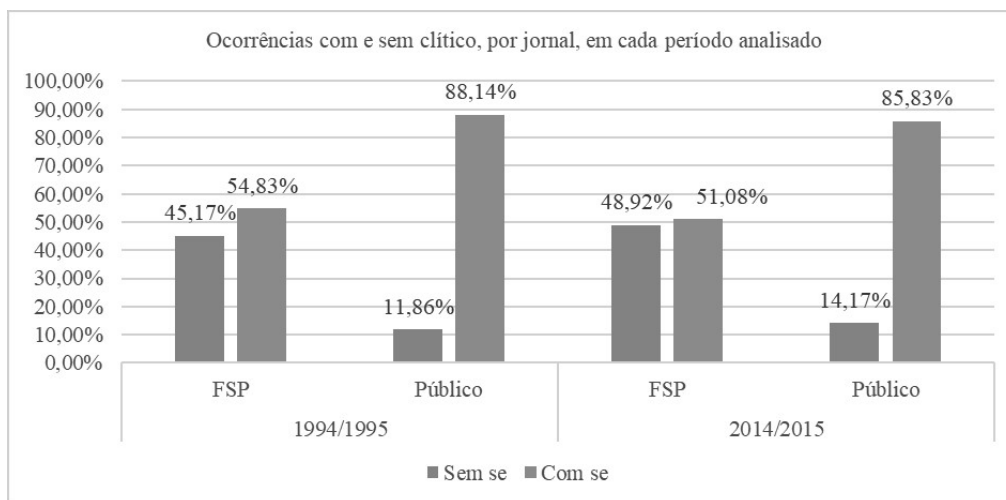


Gráfico 4. Percentagem de estruturas com *se* e sem *se*, em cada um dos jornais e em cada um dos períodos em análise

Perante estes dados globais, que tendem a confirmar, por um lado, a tendência para uma maior perda de *se* no PB (de acordo com os dados recolhidos no jornal *Folha de São Paulo*) e, por outro, a cada vez maior percentagem de estruturas de *se* (41% em 2014-2015 contra apenas 28% na década de 90 do século passado), procurou-se averiguar se estas tendências se verificam de forma próxima em todos os subtipos de estruturas de *se* anteriormente referidos (secção 2.) ou se, pelo contrário, são mais evidentes numas estruturas do que noutras.

Assim, no caso das **estruturas de mudança de estado físico** (num total de 778 ocorrências), constatámos a existência de duas realidades opostas: nos dados obtidos a partir dos textos do jornal *Folha de São Paulo*, prevalecem as estruturas sem *se*, em ambos os períodos, (73% em 1994-1995; 68% em 2014-2015); nos dados retirados do Público, dominam as estruturas de *se* (81% em 1994-1995, 79% em 2014-2015), como se pode compreender pela análise do Gráfico 5.

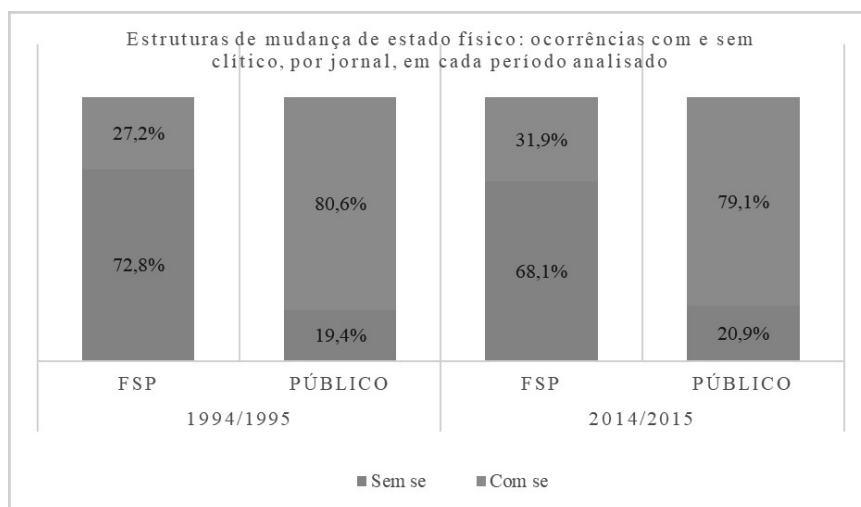


Gráfico 5. Percentagem de estruturas de mudança de estado físico com *se* e sem *se*, em cada um dos jornais e em cada um dos períodos em análise

Nas estruturas que denotam situações de **mudança de estado físico que afetam a integridade do objeto**, constata-se uma clara preferência pelas estruturas de *se* nos textos publicados no jornal *Público*, sendo que mais de 80% das estruturas recolhidas neste jornal, no total de cada período em análise, têm *se*. Nos textos publicados pelo jornal *Folha de São Paulo*, a situação não é tão linear, percebendo-se que a proporção de estruturas sem *se* regride entre 1994 e 2014 (cf. Gráfico 6).

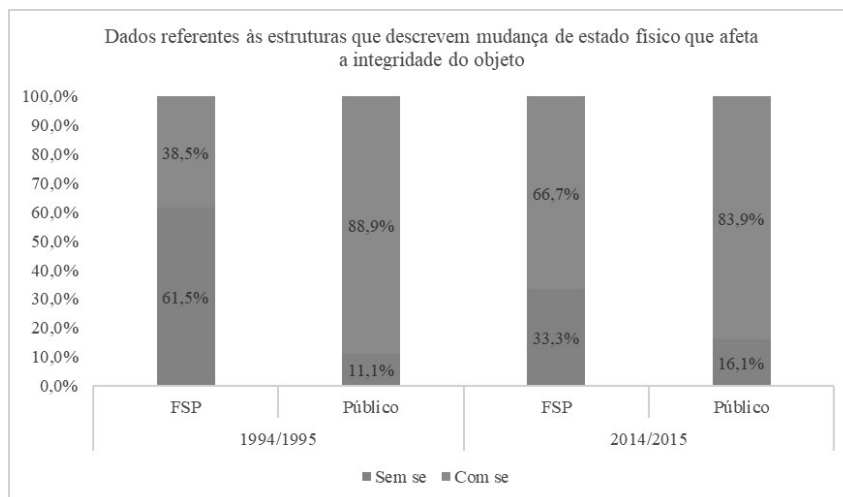


Gráfico 6. Estruturas que denotam mudança de estado físico que afeta a integridade do objeto afetado: percentagem de ocorrência de *se* em cada jornal e em cada período em análise

No caso das estruturas decausativas que descrevem situações de ***mudança nas propriedades físicas do objeto***, os dados revelam-se bem mais equilibrados: as estruturas com *se* dominam em ambos os períodos e em ambos os jornais. O domínio de *se* é mais evidente no jornal *Público* do que na *Folha de São Paulo* (Cf. Gráfico 7).

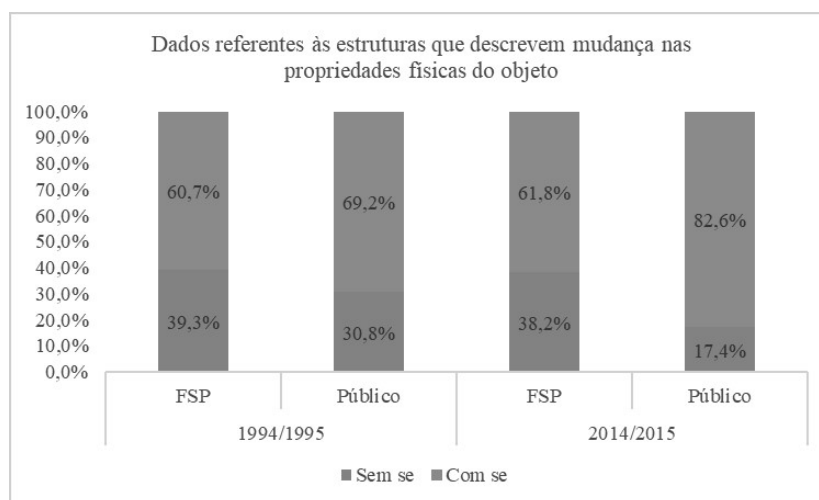


Gráfico 7. Estruturas que denotam mudança de estado físico da matéria: percentagem de ocorrência de *se* em cada jornal e em cada período em análise

Nas estruturas que denotam ***mudança de posição/orientação do objeto afetado***, os valores obtidos revelam-se muito discrepantes entre as duas variedades da língua portuguesa sob escopo. Assim, nos resultados do jornal *Folha de São Paulo* prevalece claramente a ausência de *se* (83% das ocorrências deste jornal em 1994/1995 e 87% em 2014/2015 não têm clítico *se*), ao passo que no jornal *Público* as ocorrências de *se* são as mais frequentes (83% em 1994/1995 e 72% em 2014/2015), conforme se visualiza no Gráfico 8.

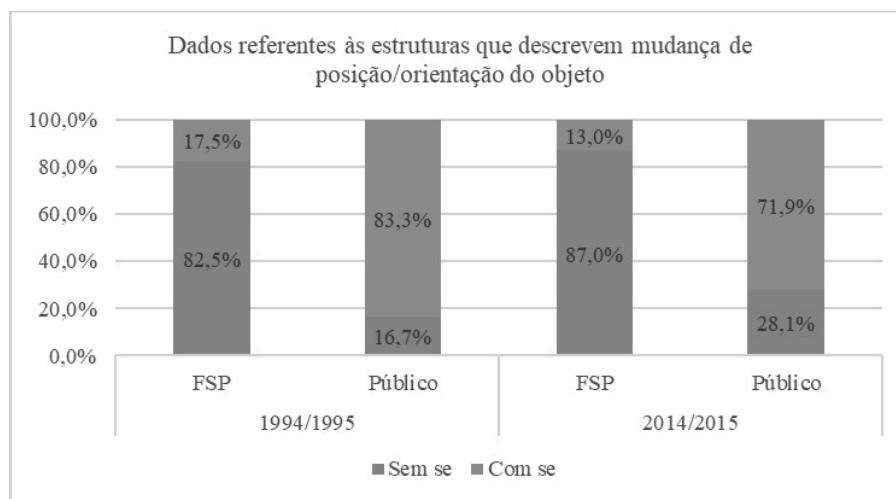


Gráfico 8. Estruturas que denotam mudança de posição/orientação do objeto afetado: percentagem de ocorrência de *se* em cada jornal e em cada período em análise

Nos dados referentes a situações de *mudança de estado psicológico*, com 317 ocorrências no *corpus* constituído, a tendência é a mesma nas duas variedades da língua portuguesa, verificando-se, nos dados oriundos de ambos os jornais e de ambos os períodos, o total predomínio da presença de clítico.

Nas estruturas que denotam *mudanças de estado social/cultural* (79 ocorrências no total), também se constata uma presença exclusiva de estruturas com *se* em ambos os jornais e em ambos os períodos.

Conclusões

A análise das 1174 ocorrências de construções decausativas de mudança de estado, recolhidas nos jornais *Folha de São Paulo* e *Público*, permitiu responder a algumas das questões que estiveram na origem deste trabalho. Em primeiro lugar, os dados recolhidos evidenciaram que, pelo menos na amostra recolhida, os casos de manutenção do clítico são ainda bastante superiores, independentemente da variedade ou período temporal em causa (em termos globais encontram-se 65% das estruturas que mantêm *se* e apenas 35% em que há perda de clítico).

Também se percebeu que a variedade brasileira tende a aceitar mais facilmente a perda de *se*, registando-se bastante equilíbrio percentual entre as ocorrências com e sem clítico. Esta situação não ocorre nos dados do Português Europeu, nos quais o clítico continua a ser claramente maioritário. No total dos dois períodos em análise, registaram-se 47% de ocorrências sem *se* na *Folha de São Paulo*, contra 12,6% de ocorrências sem clítico no *Público*.

A comparação dos dois períodos em análise revelou que, efetivamente, se assiste a uma progressiva perda de *se*, em ambas as variedades do português, passando-se de 28,4% de ocorrências sem *se*, no total dos dois jornais, em 1994/1995, para 41,4%, em 2014/2015.

Verificou-se, ainda, que, de acordo com o *corpus* analisado, a opcionalidade de uso de clítico ocorre exclusivamente nas estruturas que descrevem situações de mudança de estado físico. Nas estruturas associadas a mudanças de estado psicológico e a mudanças de estado social/cultural, o *se* tem presença em 100% das ocorrências analisadas, independentemente da variante de português em causa ou do período em estudo.

Acreditamos que estes resultados se poderão ficar a dever sobretudo a questões de natureza semântico-ontológica. Com efeito, partindo da percepção, anteriormente exposta, de que o clítico *se* decausativo funciona como marcador diatésico, assinalando a perda argumental subjacente às estruturas em causa e ativando a leitura decausativa, acreditamos que o falante não prescinde do seu uso em contextos de ambiguidade potencial. Assim, como nas estruturas que descrevem mudanças de estado psicológico e mudanças de estado social/cultural, o objeto afetado é normalmente um ser humano ou um constructo social/humano, a sua ocorrência na posição de sujeito sintático – uma posição tipicamente associada à manifestação do agente/causa – facilmente conduziria a situações de ambiguidade. Nestes contextos, e na linha do defendido por Souza (1999), Ribeiro (2010) e Ribeiro (2018), a manutenção de *se* contribuirá para garantir a ativação da leitura decausativa, eliminando precisamente a ambiguidade.

Não podemos deixar de sublinhar, porém, que as tendências aqui descritas advêm da análise de um *corpus* com particularidades muito próprias, na medida em que é constituído exclusivamente com dados de textos jornalísticos. Assim, acreditamos que, em trabalhos futuros, uma análise desta flutuação do uso de *se* ancorada em ocorrências advindas de outros tipos de textos trará, certamente, nova luz – e também novas questões – a esta questão.

Referências bibliográficas

- Baker, M., Jonhson, K., & Roberts, I. (1989). Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry*, 20(2), 219-251.
- Carvalho, J. (2016). *A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Duarte, I. (2003). A família das construções inacusativas. In M. H. Mateus *et al* (Coord), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 507-548). Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In E. Raposo *et al* (Eds.), *Gramática do Português*, vol. I (pp.429-458). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Levin, B., & Rappaport-Hovav, M. (1995). *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, London: MIT Press.
- Mendikoetxea, A. (1999). Construcciones inacusativas y passivas. In I. Bosque & V. Demonte (Org.), *Gramática descriptiva de la lengua española: las construcciones sintácticas fundamentales - relaciones temporales, aspectuales y modales* (pp. 1575-1629). Madrid: Espasa-Calpe.

- Nunes, J. (1995). Ainda o famigerado se. *Delta*, 11(2), 201-240.
- Osório, P., & Martins, E. (2007). *A sintaxe das construções com se no português do Brasil*. Chamusca: Zaina Editores.
- Pereira, R. (2007). *Formação de verbos em português: afixação heterocategorial*. Muenchen: Lincom Europe.
- Reinhart, T., & Siloni, T. (2005). The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic Inquiry*, 36(3), 389-436.
- Ribeiro, P. (2010). *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se* (Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Ribeiro, S. (2011). *Estruturas com se anafórico, impessoal e decausativo em português* (Dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Ribeiro, S. (2018). Usos de “se” anticausativo em PB e PE. In M. H. Moura Neves & D. Barros (Org.), *A gramática e seu interfaceamento com os campos de atuação na comunidade* (pp. 225-242). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Schäfer, F. (2009). The causative alternation. *Language and Linguistics Compass*, 3(2), 641-681.
- Souza, P. (1999). *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.